

# Mais aumentos. E pressões contra a política de preços.

As dificuldades no abastecimento de produtos tabelados pelo governo poderão agravar-se nos próximos dias, em meio à grande quantidade de pedidos de reajustes encaminhados aos órgãos que administram a política de preços e às resistências destes quanto aos percentuais reivindicados. Já hoje uma série de produtos custam mais caro, mas nem por isso as tensões deixarão de existir. É o caso, por exemplo, das padarias, que elevam hoje o preço do pão em 25%, mas ameaçam até com "desobediência civil" caso o governo não permita um aumento de 100% nos preços por elas praticados.

O pão francês (50 gramas) passa a custar dez centavos. Os refrigerantes custam, desde ontem, 30 centavos, a garrafa média; 75 centavos, o litro, e 90 centavos a garrafa de 1,25 ml. O chope da Brahma vale 70 centavos (claro) e 75 centavos (escuro), enquanto o produto da Antarctica custa 65 e 70 centavos, respectivamente. As cervejas Antártica e Kaiser passaram a custar NCz\$ 1,00 e a cerveja da Brahma NCz\$ 1,05.

Os aumentos foram anunciados ontem no Rio pelo titular da Secretaria Especial de Administração de Preços (Seap), Edgard de Abreu Cardoso, que afirmou ter negociado o reajuste com os fabricantes de refrigerantes, em troca de um aumento concedido na semana passada aos preços do açúcar cristal, que tem um peso de 40% na estrutura de preços destas bebidas.

Dentre os produtos com

problema de abastecimento, o leite é um dos que vão sumindo do mercado, enquanto o Conselho Interministerial de Preços não autoriza um aumento. Na região de Sorocaba, as fábricas reduzem as entregas dos produtos para as distribuidoras e o saco do produto, tabelado em NCz\$ 9, está sendo vendido com ágio (NCz\$ 15 o saco em algumas casas de material de construção).

Os produtores de queijos tipo minas frescal, parmesão, muzzarella e prato, por sua vez, reivindicam do governo um reajuste de 60%. "Se a situação persistir, o setor vai paralisar sua produção, como ocorreu com a fábrica Via Láctea, em Jundiaí", afirmou Cícero de Alencar Hegg, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Queijo.

"Não adianta o governo querer conter a inflação se não há produtos para vender", argumenta o vice-presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), William Eid. Ele diz que o setor tem insistido com a Sunab para a adoção da Fórmula CLD (Custo, Lucro e Despesa), empregada antes do Plano Verão. Segundo Eid, a proibição de repasse já fez sumir das prateleiras o leite em pó, queijo e papel higiênico.

A partir da ameaça do desabastecimento, diz o presidente da Associação Nacional das Indústrias de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, surge um outro problema: "Os consumidores se antecipam e começam a estocar, sem que a indústria consiga responder ao aumento da demanda".